

Germinal



N.º 13—ANO I
4 de Abril de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos
DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.
(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)
Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Uma falencia

Em repetidos artigos na *Bataille Syndicaliste*, vem ha tempos Jean Grave apelando para os intellectuaes francêses, que sempre se teem mostrado em opposição aos exaeros nacionalistas sob todas as formas que revestem, para que ergam a sua voz contra os desmandos de linguagem dos patriotas de profissão, os quaes se vão tornando insupportaveis e, o que é peor, perigosos.

Mas até agora, áparte raras e palidas esçeções, esses homens conservam-se mudos, não se sabendo o que pensam, o que desejam, o que esperam.

Os Anatole France, os Mirbeau, os Descaves, os Romand Roland e tantos mais conservam-se como que indifferentes ou medrosos perante a prosa odienta dos outros, dos que falam ao povo francês a linguagem do odio, dos que se esforçam, por todas as formas, em transformar a guerra defensiva por parte da França, numa guerra de conquista, de esfacelamento da Alemanha, de represalias ferozes. E' asqueroso o que os jornaes nacionalistas inserem contra o povo alemão, tanto pelas ideias prégadas como pela forma, quer quando esta incita ao odio quer quando pretendem fazer espirito.

Não nos surpreende a attitude dessa gente, que não faz mais do que intensificar, no fundo e na forma, o que sempre tem dito e que reflete, como se sabe, a corrente conservadora, reaccionaria, que vê agora na guerra e na victoria das armas francesas, a occasião de readquirir o que tem perdido desde 1870 e principalmente desde a questão Dreyfus. São os mesmos e é a mesma *presse immonde* de que nos falava Zola. A guerra contra elles tem de ser tão encarniçada como contra os governantes ale-

mães sesaristas, ou contra o czarismo, porque todos elles são os representantes da Reacção em todos os seus aspectos.

O seu atrevimento é tanto maior quanto mais prolongado se mostra o silencio dos outros, dos antigos paladinos do Direito e da Justiça. Não se mostram estes agora á altura da situação. Calam-se, encolhem-se, imobilisam-se, ou por timidez, ou por cobardia ou por desorientação? Não sabemos; o que é certo é que na occasião em que mais as suas palavras e os seus nomes poderiam contribuir para contrabalançar o efeito que possam produzir as palavras de odio nacionalista, nada dizem ou dizem banalidades de jornalista profissional, abandonando assim o povo, que ficará só em face da reacção.

E' triste constatar esta falencia manifestada até agora; ella ocasiona uma maior dificuldade na lueta contra os nacionalistas, mas não impedirá a derrota destes ultimos.

Aquella triste verificação opõe-se outra, consoladora: é que os trabalhadores organizados mostram-se capazes de esmagar amanhã as pretenções dos reaccionarios, voltando as costas aos que os abandonaram na hora do perigo.

Pedro Kropotkine

La *Bataille Syndicaliste* de 28 de março, dá-nos a triste nova de se encontrar gravemente doente Pedro Kropotkine, receando-se pela sua vida. No dia 23 teve que sofrer uma operação que não se pode terminar, devendo ter continuado dias depois.

Segundo a *Bataille Syndicaliste*, a agravar o estado de Kropotkine ha a sua idade, tem 72 a., o abalo que lhe deu a guerra e as censuras e insinuações que, pela sua attitude, lhe teem sido dirigidas por varios anarquistas.

Fazemos votos pelo restabelecimento do nosso illustre camarada.

Filantropia proletaria

A autoridade providenciou para que desapareçam as tombolas mechanicas a que nos temos referido, como sendo um dos maiores perigos para o proletariado. Veremos o efeito da medida proibitiva da autoridade, continuando, no entanto, a julgar que será pela propria ação dos trabalhadores que esse e muitos outros perigos irão acabando. Entretanto os interessados na continuação das tais maquinas protestam e reclamam. Entre eles vemos a Associação dos Trabalhadores de Imprensa, que declara isto:

«Se ás instituições que beneficiam das tombolas automaticas, fossem suspensas as receitas que elas produzem, quão graves embaraços surgiriam para a sua vida, quão grave responsabilidade recairia sobre o governo que praticasse tal acto e quão grandes encargos desariam sobre a assistencia official, pois que esta certamente não deixaria ao abandono aqueles que as referidas instituições protegem.»

Esta defeza das roletas feita por trabalhadores equivale a dizer:

«Nós precisamos de que o trabalhador, nosso irmão, gaste nas tombolas automaticas, o dinheiro que ganha que é o unico meio de termos receita para o proteger ou á familia, quando se vir sem recursos.»

O leitor conhece certamente a engraçada quadra em espanhol, que diz assim:

*El señor Don Juan de Robres,
Con caridad sin equal,
Hizo este santo hospital...
Pero antes... hizo los pobres.*

Dantes diziam-se estas coisas da filantropia dos burgueses; agora já se podem dizer da filantropia dos trabalhadores. Caminha-se, como se vê, para a egualdade; é mais uma conquista do proletariado. O que é o progresso!

Ferrer

Acaba de constituir-se em Lisboa uma comissão que tem a seu cargo a publicação de um numero unico comemorativo do fusilamento do fundador da Escola Moderna.

Juizo precipitado

Pelo que temos publicado de Kropotkine, (e mais publicaremos ainda) vê-se que, seja qual for a opinião que se tenha sobre a sua attitude em face da guerra, uma coisa é incontestavel para todos: é que ele previu, — talvez como ninguém, entre os anarquistas, — não só que a guerra estalaria, como teria por provocadora e iniciadora a Alemanha.

Vai para doze anos, houve na imprensa revolucionaria uma longa discussão sobre a attitude dos anarquistas em caso de guerra, por causa da attitude que então já Kropotkine preconizava. Continuou ele até agora com a mesma orientação; porque havia de mudar em face do acontecimento que ele previra e que se deu da forma porque o previra? Eis o que me custa a compreender: que homens que o conheciam muito bem, como Lorenzo, Malatesta e outros, falem de modo que parece terem ficado surpreendidos com a attitude por ele tomada, quando, logicamente, não podia tomar outra. Que ele tenha exagerado em palavras ou actos para acentuar a sua attitude, é uma questão secundaria, pois dentro duma orientação geral cabem mil modalidades, filhas dos individuos e das circunstancias. E' a orientação fundamental que importa; e essa vinha ele manifestando-a ha uma duzia de anos. Malatesta, numa carta a um amigo, (*Aurora*, 27-12-914) classificando, erradamente a meu ver, de «patriotismo franco-russo» e de «preconceitos antigermanicos» as ideias de Kropotkine sobre o perigo alemão, — no qual Malatesta parece não acreditar — diz que se os anarquistas não deram importancia á attitude desde ha anos tomada por Kropotkine...

«Foi porque pensavamos que ele pretendia convidar os trabalhadores franceses a responderem a uma possivel invasão germanica, fazendo uma revolução social — isto é, tomando posse do solo francês e tentando induzir os trabalhadores alemães a fraternisarem com eles na lueta contra os opressores franceses e teutonicos. Nunca teriamos imaginado, por certo, que Kropotkine fosse capaz de convidar os trabalhadores a fazerem causa comum com os governos e patrões.»

Como tantos outros, Malatesta apenas viu o que Kropotkine disse, e não viu o que ele queria dizer e o que sempre dissera. E porque entendo que se devia ter visto o que ele queria dizer, é que creio que se fez mal em o combater por palavras por ele empregadas, em vez de as explicar para que a intenção que as ditou não fosse deturpada pelos que não conheciam bem as ideias anteriores de Kropotkine sobre a questão. Creio que se assim tivessem feito homens autorizados, como Malatesta, muita confusão se teria evitado.

Como pode Malatesta pensar que Kropotkine faria aquele apelo revolucionário aos trabalhadores, se ele proprio o não fez e é de opinião que se não devia fazer, pois diz que «uma revolução social, feita em tempo de guerra ou em presença do invasor estrangeiro, é sempre muito difícil e ainda quando sucede, facilmente degenera em puro movimento político nacionalista»?

Malatesta parece que se esqueceu de que Kropotkine previra, ha anos, exatamente a impossibilidade ou a inconveniência da revolução interior, sendo de opinião que, nesse caso, é preciso defender o país invadido ou as liberdades ameaçadas.

Que se divirja dele quanto a esta última solução, está bem; mas o que se não compreende é a surpresa, a decepção em face da sua atitude cheia de logica. O desvio de que se acusa Kropotkine, dura como se vê, ha doze anos, pelo menos, o que não impediu que durante esse tempo ele continuasse sendo um mestre para muitos e um companheiro respeitável para todos.

Por tudo isso, repito que houve precipitação no juizo feito sobre a atitude de Kropotkine, sem a qual se teria evitado muita confusão que, por sua vez, produziu muita prosa que tem sido uma revelação pouco satisfatória da mentalidade duma boa parte da massa anarquista.

Escusado é dizer que isto não se entende com o leitor nem com quem o ouve ler...

Emilio Costa.

Uma deserção

O sindicalista J. Carlos Rates foi para o *Jornal da Noite* acolitar o ex-socialista filiado Ladislau Batalha, no elogio «dos trabalhos de Sua Magestade El Rei em prol das questões sociais».

Aqui ha semanas, a proposito da necessidade, que o novo colaborador do órgão da monarquia operaria sentiu e expoz no *Intransigente*, de lançar a massa operaria, em peso, contra o Estado, numa greve só contra o mesmo Estado dirigida, — em proveito de D. Manuel? — notámos nós que ele não tinha duas das tres prendas que o filosofo requeria em seus discipulos, e exclamámos: Oxalá não lhe falte tambem a última!

A deserção, agora a todos patente, vem demonstrar que não foram satisfeitos os nossos votos.

FIGURAS DA SOCIAL

CARLOS MARX

(1818-1883)



É a Marx—escreve o sr. Silva Mendes—que se deve o grande desenvolvimento tecnico do socialismo contemporaneo; não que viesse criar uma sciencia nova, porém porque os seus pontos de vista originaes lhe dão um lugar eminente entre os mais celebres economistas.

Marx procede do grande movimento intelectual que na Alemanha se manifestou no principio do seculo passado; e, se nos restringirmos unicamente ao ponto de vista economico, éle é o continuador do movimento iniciado por Adam Smith, Ricardo, de Tracy e Bastiat.

Para éle, a evolução social é resultante do determinismo fisico e do determinismo antropologico, volvido em determinismo economico. As condições economicas são determinadas pelo meio fisico e pelos caracteres antropologicos. A moral, o direito, a politica, a sciencia, a arte, todas as manifestações, emfim, de vida humana resultam fundamentalmente das condições economicas; são, para bem dizer, epi-fenomenos do fenomeno economico.

A constituição economica da sociedade é, portanto, segundo Marx, a base essencial de toda a vida social; toda a fenomenalidade tem a sua razão de ser, mais ou menos, no fenomeno economico, sendo, por isso considerada em relação a éle como uma verdadeira sobreposição.

Carlos Marx nasceu em Treveris

As coalições dos operarios

Sob a forma de coalisões, verificam-se os primeiros ensaios dos trabalhadores para se associarem.

A grande industria aglomera em um só ponto uma multidão de gente, desconhecidos uns dos outros. A competencia divide-os em interesses. Mas a sustentação do salario, — interesse comum que tem contra o patrão, reúne-os um mesmo pensamento de resistencia: *coalisção*. Assim, a coalisção tem sempre um duplo objecto: fazer que cesse entre os operarios a competencia, para poderem fazer competencia geral ao capitalista. Se o primeiro objecto de resistencia foi a sustentação dos salarios, á medida que os capitalistas, por sua vez, se reúnem num pensamento de repressão, as coalisões, a prin-

(Prussia renana), a 2 — outros dizem 5 — de Maio de 1818, sendo seus pais israelitas oriundos dos Países Baixos. Estudou Direito em Bonna com brilhantes resultados, e em seguida voltou a Treveris, onde se dedicou ao estudo da Filosofia, da Economia politica e sobretudo das questões sociais.

Em 1842 fundava-se em Colonia a *Gazeta Rhenana*, de que foi um dos redactores, e depois director, de setembro de 1842 a janeiro de 1843. Suprimida a *Gazeta*, pelo governo, Marx trasladou-se a Paris, onde casou com uma irmã do ministro da Prussia von Westphalen, de nome Jenny, e publicou os *Annaes franco-alemães*, em que inseriu os seus primeiros estudos socialistas. Expulso de França pelo ministro Guizot, passou a Bruxelas, em principios de 1845, voltando três anos depois a Colonia e publicando a *Nova Gazeta Rhenana*, que foi o periódico alemão mais acentuadamente revolucionario. Acompanhou diversas insurreições populares alemãs, até que voltou a Paris. Perseguido pelo governo da republica, refugiou-se em Londres. Ahi travou relações com Frederico Engels, e ahi residiu e veiu a morrer em 14 de Março de 1883.

As suas obras principais são: *Miseria da filosofia*, resposta á *Filosofia da Miseria*, de Proudhon; *Observações criticas sobre a economia politica*; *Her Vogt*; *O capital*, que para muitos passa por ser o grande evangelho do socialismo; *O 18 brumario de Luis Bonaparte*; *A guerra civil em França*, em que traçou a historia da revolução da Comuna; e *Manifesto do partido comunista*, escrito de colaboração com Engels.

De uma grande, de uma extraordinaria intelligencia, e de não menor, nem menos extraordinaria cultura, Marx foi o teorico que fez mais proselitismo nos tempos modernos, — o heresiarca que, no dizer de G. de Greeff, reuniu numa mesma comunhão maior numero de adeptos, do que Mahomet. Era, todavia, dotado de um espirito ruim, de uma alma mesquinha, como o prova o facto de nunca deixar de ver no eslavio «o inimigo hereditario», que era necessario aniquilar a todo o custo; como o demonstra sobretudo a guerra pequenina e odienta que moveu a Bakunine. «Assisti uma noite em casa de Marx — diz-nos A. Lorenzo — a uma reunião destinada a fazer o libelo da Aliança, e vi aquele homem descer do pedestal em que a minha admiração e respeito o haviam colocado, até o nivel mais vulgar».

burguesia percorreu desde a Comuna ou municipio até á sua constituição como classe. Mas quando se trata de considerar com exactidão as greves, as coalisões e as demais formas por que os proletarios efectuam á nossa vista a sua organização como classe, uns sentem-se presa de verdadeiro terror e outros affectam um desdem *transcendental*.

Uma classe oprimida é a condição vital de toda a sociedade fundada no antagonismo de classes. A emancipação da classe oprimida implica, pois, necessariamente a criação de uma nova sociedade. Para que a classe oprimida possa emancipar-se, é preciso que as forças produtivas por ella adquiridas e as relações sociais existentes não possam coexistir. De todos os instrumentos de produção, a maior força produtiva é a mesma classe revolucionaria. A organização dos elementos revolucionarios como classe supõe a existencia de todas as forças produtivas que podiam gerar-se no seio da sociedade antiga.

Quere isto dizer que depois da queda da antiga sociedade haverá uma nova dominação de classe, que se resuma em um novo poder politico? Não.

A condição da emancipação da classe trabalhadora é a abolição de todas as classes, assim como a condição da emancipação do terceiro estado, da ordem burguesa, foi a abolição de todos os estados e de todas as ordens.

A classe trabalhadora substituirá, no decurso do seu desenvolvimento, a antiga sociedade civil por uma associação que excluirá as classes e o seu antagonismo; e não haverá então poder politico propriamente dito, pois que o poder politico é precisamente o resumo official do antagonismo na sociedade civil.

Entretanto, o antagonismo entre o proletariado e a burguesia é uma luta de classe com classe, luta que, levada á sua mais alta expressão, é uma revolução total. E acaso ha que estranhar que uma sociedade fundada na *oposição* de classes tenha a *contradição* brutal, um choque corpo a corpo, como final desenlace?

Karl Marx.

Contra a carestia.

Recebemos um manifesto, assinado pela *Comissão de Protesto contra a carestia da vida*, de Faro, em que se recomenda ao povo trabalhador que resista ás ambições dos gananciosos e se apela para a solidariedade de todos os trabalhadores. Recomendamos a sua leitura.

Corrigindo

Na 2.^a linha da ultima coluna da 4.^a pagina do numero passado sahi «contra» em lugar de «entre».